

TEATRO DE ANIMAÇÃO EM SINGAPURA EM TEMPOS DE COVID-19

Terence Tan¹

Como produtor artístico e defensor do teatro de bonecos em Singapura, eu me pergunto: como será o novo mundo pós-COVID-19? Que histórias vamos contar para e sobre Singapura, e como vamos fazer isso?

Para nós, humanos, essa mudança no sentido de desacelerar, refletir e nos desenvolver para um maior crescimento interior, nos faz questionar nossas indústrias de capital e protestos sociais - especialmente aqueles desde o início da colonização. No entanto, para o meio ambiente, as coisas estão melhorando. Vemos mais vida da janela, borboletas, pássaros e céu limpo; mesmo na cidade, um sinal de recuperação ambiental que ocorreu com menos atividade humana que consome petróleo.

Para onde isso nos leva?

Nesta cidade-estado, uma das menores ilhas soberanas do mundo em nosso Equador (1.3521N, 103.8198E), precisamos ficar em casa e nos envolver fisicamente bem menos durante os próximos meses e até mesmo anos. Com uma das maiores densidades humanas da Terra, nossas mentes e corpos criativos precisam encontrar novas maneiras de fazer arte, e essa é uma lacuna que os artistas precisam ajudar a preencher. *Smartphones* e computadores podem atestar a existência de

uma liberdade de escolha, mas, como uma cadeia de supermercados, eles simplesmente fornecem uma falsa sensação de liberdade, uma arena pré-programada por desenvolvedores de jogos, *internet*, aplicativos e *software*. Isto não é arte de verdade.

Nós, a comunidade artística de Singapura, nos perguntamos a partir de nossos apartamentos empilhados, o que devemos fazer para espalhar a ideia de atuar livre e fisicamente?

Desde que a COVID apareceu em fevereiro de 2020, entrevistei vários artistas em Singapura sobre como eles estão lidando com essa nova situação. O trabalho isolado, como as artes literárias e visuais, parece estar indo da melhor maneira possível, enquanto as artes cênicas perderam a qualidade do jogo ao vivo e sua natureza espacial. Nessas entrevistas, também ficou claro que os artistas precisavam se apresentar e criar, não apenas para o bem-estar de seu público, mas também para seu próprio prazer e sanidade.

Dessa forma, comecei a me perguntar o que o teatro de animação pode fazer tanto para o público como para os artistas. Para o nosso público, o objetivo deve ser educar nossas famílias sobre como elas podem interagir com os brinquedos e objetos ao seu redor. Jogos de sombras improvisados, bonecos de mesa e meias podem se tornar uma possibilidade de financiamento público adequado para promover a educação artística em todas as casas. Quanto aos artistas, essa poderia ser a maneira de ultrapassar a barreira digital, não apenas gravar seus espetáculos em uma tela

¹Bonequeiro, pintor, produziu espetáculos cômicos, intercâmbios culturais internacionais de teatro de bonecos e vários festivais de teatro no sudeste asiático. Membro da Comissão de Cooperação da UNIMA. Vive em Singapura. E-mail: terence.tsp@artsolute.asia

plana, mas também manipular as telas, envolver o público em seus espaços pessoais e se apresentar de forma a incluí-los em um palco miniaturizado.

Muitas vezes pensamos em marionetes como animação de objetos, mas a COVID nos forçou a rever também o espaço de manipulação. Um teatro para 50 atores poderia parecer pequeno se uma barata animada de 60 metros de comprimento (e assim como o público) passasse, mas uma caixa de sapatos pode parecer o mundo com 600 *smartphones*, para 100 pessoas, cada um deles com 600 pontos de vista e vozes diferentes, mostrando nossas necessidades em todo o mundo. O teatro de animação não requer apenas a habilidade de manipulação de bonecos e objetos e o projeto de mecanismos e palco, mas também imaginação e comunicação espacial.

Meu trabalho na *Artsolute*² me exigirá entender e redesenhar as artes para diferentes aldeias, culturas e situações domésticas. Quando passamos a criar ações artísticas em hospitais desde 2013, o *design* de nosso programa era direcionado para a resolução do seguinte problema: como fornecer um senso de escolha e mudança para pacientes com limitações físicas e, às vezes, com memória limitada. Tivemos que nos perguntar: como poderíamos ficar fora do caminho do trabalho de médicos e enfermeiros? Naqueles anos em que desenvolvemos projetos de ajuda humanitária, dentro de uma zona de desastre nas Filipinas, ou para crianças japonesas que visitaram Singapura, tivemos que nos perguntar como permitir que a brincadeira e a educação prosperassem após a perda de casas, infraestrutura,

Foto: Terence Tan.



famílias, amigos e, pior de tudo, esperança? E como o trabalho poderia se sustentar após nossa curta visita? Agora, durante o período da COVID, tenho que perguntar: o que podemos fazer por nossa própria cidade em Singapura, que possui espaço limitado e recentemente perdeu grande parte de sua sustentabilidade e segurança financeira? Mais importante, como podemos manter as artes e os artistas?

Ao contrário da crença popular, teatro é um trabalho árduo. No entanto, é muito importante para o bem-estar e o sentido da vida de uma pessoa. Para as crianças, trata-se da formação de quem elas são e como se relacionam com os outros e com o mundo. Para os adultos, é hora de ser quem eles são por dentro. Portanto, acredito que os artistas precisam dominar a arte de atuar, com o teatro de animação como a principal forma para atingir esse objetivo.

Quando crianças, a imaginação pula em torno de nós sem o nosso esforço consciente. Sozinha em uma sala, a criança pode transformar este espaço em uma nave espacial, uma caverna vulcânica, uma caixa de sabão ou um show de talentos. Hoje a lua está redonda porque nossos estômagos estavam cheios e choveu porque bebemos toda a cola. O Sr. Caixa de Lápis e a Dona Garrafa também tiveram uma pequena briga, mas graças a seus filhos adotivos Borracha, Régua e Matemática, eles finalmente conseguiram ir ao cinema (na bolsa). Perdemos essa grande capacidade de imaginação à medida que envelhecemos, porque a realidade finalmente nos atinge, e percebemos que não podemos ficar na sala para sempre, e que desacordos e negociações com os outros devem ser tratados com mais cuidado com a verdade e não com a ficção.

O que Singapura esquece frequentemente, como uma jovem cidade soberana, é que seus líderes e autoridades constituídas precisam ousar atuar e alterar suas políticas de décadas, especialmente nos tempos desastrosos de hoje.

Agora não é momento de escapismo, mas de soluções alternativas. Precisamos da confiança para deixar de lado as velhas ideias e tentar novas, para fantasiar uma inversão de papéis ou uma mudança de propósito. Singapura não pode seguir os caminhos do comércio e da economia modernos se quiser sobreviver agora, assim como não podemos resolver novos problemas com ferramentas antigas.

Como artista, acredito em salas de aula menores, viajando menos e inventando mais. Acredito que mais pessoas precisam nutrir suas mentes com artes e diversão, para que possam inovar com uma nova determinação. E gostaria de ver o desenvolvimento dessas culturas a partir de casa, seja com uma tela de pano e uma lanterna, alguns fantoches de meia feitos à mão, ou alguns recortes de papel na mesa. O apartamento de 3x3 metros precisa se tornar o palco de possibilidades e ambições ilimitadas para as crianças. Elas precisam aprender como projetar uma ideia com limites de espaço e recursos, antes que o computador e a tecnologia digital entrem em seus mundos. Eles precisam de narrativas diárias para compreender o novo mundo. E da mesma forma, o mesmo aconteceria com seus pais, membros de nossa sociedade que sustentam, criam e dirigem nossa economia.

Em Singapura, uma das alternativas para receita e renda dos artistas é o trabalho cooperativo, em equipe. Nossos clientes, frequentemente, incluem adultos que trabalham com problemas de coesão ou comunicação, para apresentar dramatizações e pontos de vista. No entanto, as empresas geralmente só participam desses programas se tiverem tempo ou orçamento extra ou se não tiverem outro recurso. Por isso, pergunto por que as artes e a imaginação são frequentemente vistas como alternativa, último recurso, e não como o método regular de rever ou resolver um problema? Ironicamente, percebi quanto tempo levaria para mudar de ideia em uma das aulas de arte que eu

ministrava. Era uma empresa de Singapura cujos participantes tiveram dificuldade em mudar a cor do céu de azul para lilás, para mudar a cena do dia para a noite. E então perguntei: “Quanto tempo você levou para trabalhar naquele céu?” “Trinta minutos”, ela respondeu. Se é difícil levar dez minutos para mudar o que eles trabalharam por trinta minutos, imagine quanto tempo levaria os singapurenses a mudarem a maneira de ver, quem são e como fizeram as coisas por toda a vida. Quanto tempo isso levaria? Quão prontos eles poderiam estar?

Meu pensamento final sobre isso é como os artistas também precisam desaprender suas formas de pensar, criar e se apresentar para criar outras. Quando a COVID chegou pela primeira vez, o Conselho Nacional de Artes de Singapura propôs um cadastro digital que apoiava artistas que transformavam seus trabalhos em formatos *online*. Muitos artistas hesitaram em fazê-lo, e a taxa de aceitação habitual da concessão foi relativamente baixa, exceto entre os músicos. Desde então, o prazo para envio de bolsas mudou de 31 de julho de 2020 para 14 de setembro.³ Em parte, isso pode estar relacionado à quantidade de novas habilidades, recursos e informações necessárias para fazer a mudança. No entanto, isso também pode ter a ver com o quão firmemente estamos nos apegando às nossas tradições, artes e investimentos passados.

Com o tempo, acredito que professores de arte e desenvolvedores de programas precisarão rever as artes e repensar as apresentações artísticas, para que a nova leva de artistas de Singapura esteja mais bem preparada para um mundo em mudança. O Teatro de animação precisará ser revisto, para que possa ser feito de muitas outras maneiras, com treinamento de habilidades e gerenciamento, para terapia e para o público doméstico.

O que seria o próximo passo para nós em Singapura? Ao encerrar nossas eleições nacionais em 10 de julho deste ano, o país está se estabilizando

novamente e chegando a um acordo com o governo eleito. Os artistas cujas obras são regidas por leis de apresentação e dependem de locais e fundos públicos, precisam negociar políticas artísticas que melhor lhes convier. Quanto ao *Artsolute*, voltaremos a focar na artes, de cunho amador, que alcança um espectro de indivíduos muito maior que a dos artistas profissionais, para que um impacto social e uma apreciação maior das artes em casa possam finalmente ser sentidos.*

* Tradução de Conceição Rosière.

NOTAS

² O trabalho pode ser mais bem conhecido em: <https://www.artsolute.asia> (N.T.)

³ <https://www.nac.gov.sg/whatwedo/support/sustaining-the-arts-during-covid-19/Sustaining-the-arts-during-COVID-19.html>

THEATRE ANIMATION FOR SINGAPORE IN THE TIME OF COVID-19

Terence Tan¹

As an artistic producer and an advocate for puppetry in Singapore, I ask myself, “what will the new world be after COVID-19? What stories will we tell for and about Singapore, and how can we do so?”

For us humans, this shift towards slowing down, reflecting, and developing ourselves for the greater good, makes us question our capital industries and socialist protests – especially those from the beginning of colonization. For the non-human ecology however, our natural environment, things are looking up. We see more life at the window, butterflies, birds, and clear skies; even in the city, a sign of environmental recovery that happened with less oil-guzzling human activity.

Where does this leave us?

In this city-state, one of the world’s tiniest sovereign islands on our Equator (1.3521N, 103.8198E), we have to stay home and physically engage much less for the months, even in the years ahead. With one of the highest human densities on Earth, our creative minds and bodies have to find new ways to play, and that is a gap artists need to help fill. Smartphones and computers may subscribe a freedom of choice, but like a supermarket chain,

they simply provide a false sense of freedom, pre-programmed arena by gaming, internet, and software degree holders. That isn’t actual play.

We, the community artists of Singapore, therefore ask ourselves from our stacked up apartments, what must we do to spread the idea of free, physical, play?

Since COVID surfaced in February 2020, I have interviewed a number of artists in Singapore on how they are coping. Stationary work such literary and visual arts seem to be going on as best as can be, while the performing arts have lost the quality of live and spatial play. From these interviews, it was also clear that artists needed to perform and create, not only for the well-being of their audiences, but very much for their own well-being and sanity as well.

Therefore I began to ask myself what theatre animation can do for audiences and artists alike? For our public, the aim should be to educate our households how they can engage themselves and their family with the toys and objects around them. Makeshift shadow plays, table top and sock puppets could become a norm with adequate public funding to promote such art education for all homes. As for artists, this could be the way to break past the digital barrier, to not only record their performances for a flat screen, but to manipulate the screens as well, to involve audiences in their personal living spaces and perform in kind or take them through a miniaturized stage as well.

We often think of puppetry as object animation, but COVID has forced us to relook

¹ Puppeteer, painter, has produced comedy shows, international puppet theatre cultural exchanges, and several Southeast Asian puppetry festivals. Member of UNIMA, for the Cooperation Commission. Lives in Singapore. E-mail: terence.tsp@artsolute.asia



Foto: Terence Tan.

at spatial manipulation too. A theatre for 50 actors could feel tiny if a 200 foot long animated cockroach (and so as the audience) went by, but a shoebox can feel like the world with 600 smartphones for 100 audiences, each of them from 600 different viewpoints and voices pending our needs around the globe. Theatre animation not only requires the skill of puppet and object

manipulation and mechanical and stage design, it also spatial imagination and communication.

My work at Artsolute will ask me to attempt to understand and redesign the arts for different villages, cultures, and home situations. When we made art at the hospital back in 2013, our programme design focused on solving this issue: how to provide a sense of choice and change to

physically – and sometimes memory – limited patients. We had to ask ourselves, how could we stay out of the way from the jobs of doctors and nurses? In those years when we made disaster relief projects, within a disaster zone in the Philippines, or for Japanese children who visited Singapore, we had to ask ourselves how to allow play and education to flourish after the loss of homes, infrastructures, families, friends, and worst of all, hope? And how could the work sustain itself after our short visit? Now, during the time of COVID, I have to ask, what can we do for our own city in Singapore, which has limited space and just recently lost a large part of its sustainability and financial security? More importantly, how can we keep the arts, and artists, going?

Contrary to popular belief, Play is hard work. Yet it is very important for a person's well-being and sense of life. For young children, it is the formation of who they are and how they engage with others and the world. For adults, it is time off to be who they are inside. Therefore I believe artists need to master the art of play, with theatre animation as a primary art form to do just that.

As children, imagination leaps around and out of us without our conscious effort. Left alone in a room, it could be a spaceship, a volcanic cave, a soapbox, or a talent show. The moon is round today because our stomachs were full, and it rained because we drank all the cola. Mr Pencil-Case and Miss Bottle had a little fight as well, but thanks to their adopted children Eraser, Ruler, and Mathematics, they finally managed to go to the movies (in the bag). We lose this heavy dose of playfulness as we get older, because reality finally hits us, and we realize we cannot stay in the room forever, and that disagreements and negotiation with others must be handled more delicately with truth and not fiction.

What Singapore forgets often, as a young sovereign city, is that its leaders and decision makers need to dare to play and alter their decades-

old policies, especially in disastrous times today. This is not for escapism but for alternative solutions. We need the confidence to put aside old ideas and try new ones, to fantasize a reversal of roles or a shift in purpose. Singapore cannot stick with the ways of modern trade and economy if it is to survive now, just as we cannot fix new problems with old tools.

As an artist, I believe in smaller classrooms, traveling less, and inventing more. I believe more people need to nourish their minds with the arts and playfulness, so they may innovate with a new resolve. And I would like to see the development of these cultures start from home, whether with a cloth screen and a torchlight, some handmade sock puppets, or some paper cutouts on the table. The 3x3 meter apartment needs to become the stage for children of limitless possibilities and ambitions. They need to learn how to project an idea with limits in space and resources, before computer and digital technology comes into their worlds. They need daily narratives to understand a new world. And likewise, so would their parents, members of our society who supply, invent for, and lead our economy.

In Singapore, one of the income revenues for artists is corporate team play. Our clients often comprise of working adults with cohesion or communication issues, to introduce role-play and viewpoints. However, companies often only engage in such programs if they have the extra time or budget, or if they had no other recourse. I therefore ask why the arts and imagination is often seen as the alternative, last resort, and not the regular method to relook or solve a problem? Ironically, I realized how long it would take to change their minds in one of the art classes I held. This was a Singapore company whose participants had trouble committing to changing the color of the sky from blue to purple, so as to change the scene from day to night. And so I asked, "How long did you take to work on that sky?" "Thirty minutes," she replied. If taking ten minutes to change what they worked on for thirty minutes

is this difficult, imagine how long it would take for Singaporeans to change their ways, who they are, and how they've done things for all their lives. How long would that take? How ready could they be?

My final thought on this is how artists too need to unlearn their ways of thinking, creating, and performing so as to create new ones. When COVID first struck, the National Arts Council of Singapore proposed a digitalization grant that supported artists who changed their works into online formats. Many artists were hesitant to do so, and the usual take up rate for the grant was relatively low, except among musicians. The grant submission deadline has since shifted from 31st July 2020 to 14th September (<https://www.nac.gov.sg/whatwedo/support/sustaining-the-arts-during-covid-19/Sustaining-the-arts-during-COVID-19.html>). In part, this may be to do with the amount of new skills, resources, and information required to make the shift. However, it may also be to do with how tightly we are hanging on to our traditions, crafts, and past investments as well.

In time, I believe art teachers and program developers will need to relook the arts and rethink artistic presentations so the next batch of artists of Singapore will be better prepared for a changing world. Theatre animation will need to be relooked at, so they can be applied in many more ways, in skills and management training, for therapy, and for home audiences.

What would be next for us in Singapore? As we just completed our national elections on 10th July this year, the country is now stabilizing itself again and coming to terms with the government elected. Artists whose works are governed by laws of presentation and dependent on state-run venues and funding will need to negotiate for art policies that suit them best. As for Artsolute, we will once again focus on the amateur arts, a population that is hopefully far larger than the professional artists, so a greater societal impact and appreciation for the arts at home may finally be felt.



Foto: Terence Tan.